

Falanstério do Saí: uma experiência utópica em Santa Catarina.

Gisele Maria da Silva

Graduanda do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O pensamento utópico é o reflexo dos desejos e anseios do homem em relação a sua vida e uma resposta aos problemas sociais. A proposta utópica, nem sempre trará resultados a curto prazo, mas com certeza contribuirá muito com o desenvolvimento das mentalidades e da sociedade. O principal objetivo deste artigo é expor e discutir as aspirações e frustrações acerca da primeira experiência de colonização socialista no Brasil. Dos anos de 1842 a 1844, a península do Saí foi difusora de uma proposta que buscava alterar a realidade existente para um mundo mais justo e harmônico. O ideal de uma colônia societária no Brasil movimentou a população e despertou o interesse das autoridades, o apoio veio principalmente dos interessados em beneficiar-se com o empreendimento. O império e os grandes proprietários viam nesta proposta a possibilidade da industrialização e de civilização para o país. Mas é no pensamento e na luta dos imigrantes franceses para que a concretização dos objetivos do projeto, que se encontra o verdadeiro sentido da colônia.

Palavras-Chave: utopia, falanstério, desejos e frustrações.

Title: Falanstério do Saí: An utopian experience in Santa Catarina

Abstract: The utopian thought is the consequence of the desires and yearnings of the man in relation its life and a reply to the social problems. A proposal utopian, nor always will bring resulted short-term, but with certainty it will contribute very with the development of the mentalities and the society. The main objective of this article is to display and to argue the aspirations and frustrations concerning the first experience of socialist settling in Brazil. Of the years of 1842 the 1844, the peninsula of Saí was diffusing of a proposal that it searched to more just modify the existing reality for a world and harmonic. The ideal of a societária colony in Brazil put into motion the population and called the attention of the authorities, the support came mainly of the interested parties in benefiting itself with the enterprise. The empire and the great proprietors saw in this proposal the possibility of industrialization and civilization for the country. But it is in the thought and the fight of the French immigrants so that the concretion of the objectives of the project, that if finds true the sensible one of the colony.

Keywords: utopia, phalanstère, desires and frustrations.



A imigração francesa para a península do Saí foi um acontecimento decorrente do contexto utópico europeu. Foram muitas as tentativas falansterianas, sendo que a primeira do Brasil foi no estado de Santa Catarina, na península do Saí. É fundamental conhecer o quadro político, econômico e social de uma sociedade, para compreender como as idéias utópicas ganharam tanta proporção e simpatizantes no século XIX. Baseado em cartas do período, em estudiosos e pesquisadores das utopias e da colonização no Saí, este artigo procura discutir as aspirações e as sucessivas frustrações vividas pelos imigrantes franceses em sua empreitada ao Novo Mundo. As idéias de construir um falanstério na península do Saí¹ foram de grande interesse ao império, pois além da ocupação de terras devolutas estes imigrantes trariam a industrialização. Para os imigrantes, esta seria a oportunidade de concretizarem o sonho de reformarem seu sistema de vida, como conseqüência, seus princípios inspirariam a reorganização da sociedade. É difícil organizar uma colônia socialista em uma sociedade que não se guiava pelos mesmos princípios, assim a experiência desde o início enfrentou dificuldades que comprometeram o sucesso do projeto.

Os séculos XVIII e XIX foram marcados pelo surgimento de um conjunto de idéias e propostas revolucionárias, que contrariavam o capitalismo liberal. Percebendo uma política que estava se impondo na Europa, ignorando as dificuldades enfrentadas pela sociedade, pensadores propõem novas alternativas aos problemas sociais dando forma ao socialismo utópico. No século XIX ser socialista é procurar analisar a sociedade criticamente, exprimindo uma necessidade de ação. Rousseau foi uma grande referência aos primeiros socialistas utópicos, acreditava na construção da igualdade, propriedade comum e regulação centralizada do trabalho. A situação da Europa na primeira metade do século XIX, além de ser propícia a imaginação de alguns pensadores, colaborou para que as utopias adquirissem milhares de adeptos.²

O reinado de Luís Filipe, de 1830 a 1848, foi marcado pela supremacia política e econômica da burguesia. Assim o espetáculo das crises e misérias vividas pela sociedade, despertava a insatisfação popular, abrindo caminho para propagação das idéias socialistas. O elevado crescimento demográfico enfrentado pela Europa, aliado ao desenvolvimento tecnológico, fez o desemprego tomar proporções alarmantes. Em meio a esta situação de desespero, baixos salários e muita miséria, os socialistas apresentam uma revolução que

¹ A península do Saí fica localizada na margem norte da Baía da Babitonga, próximo à cidade histórica de São Francisco do Sul.

² GÜTTLER, Antonio Carlos. **A Colonização do Saí (1842-1844):** esperança de falansterianos, expectativa de um governo. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 1994, pág. 16-19.



aconteceria sem violência, atingiriam seus objetivos por meios pacíficos. Uma nova consciência surgiria, os homens se uniriam e alterariam as relações sócio-econômicas, obedecendo a um plano pré-estabelecido.³

A definição de socialismo utópico passou a ser difundida com as teorias marxistas que não concebiam a idéia de uma revolução pacífica, pois as bases econômicas e a luta de classes são o motor da História. O manifesto comunista foi um grande difusor desta definição, mostra que os precursores do sistema socialista compreendiam o antagonismo das classes, mas não viam no proletariado nenhum movimento político que lhes fosse próprio. Para Marx e Engels eram utopistas os socialistas cujas idéias precederam o definitivo desenvolvimento industrial, do proletariado e das classes, portanto suas concepções e questionamentos não consideravam estes fatores. Marx deu uma nova compreensão ao socialismo, onde os precursores do movimento tinham idealizado um futuro inspirado nos planos de organização social, baseando-se em condições fantasiosas.⁴ Tais formulações contribuíram para o surgimento do socialismo científico, que se sobrepôs ao socialismo utópico.⁵

A idéia do socialismo marxista em relação ao socialismo utópico contribuiu para a divulgação do caráter pejorativo dado a palavra utopia e conseqüentemente aos movimentos utópicos. São momentos, compreensões e visões diferentes que distinguem os movimentos, mas cada um em suas peculiaridades, contribui com o desenvolvimento da sociedade, dando novo fôlego a luta social. A contribuição intelectual, fruto das experiências utópicas, são as maiores marcas do seu valor. Não foi por idéias fantasiosas que as utopias ganharam milhares de adeptos e simpatizantes, mas sim pelo seu espírito revolucionário e a sua busca por uma harmonia universal.

Entusiasmado com as idéias socialistas, o homeopata francês Benoit Jules Mure seguidor das teorias de Fourier, sai da Europa como representante da *Union Industrielle*⁶ para propagar as idéias do sistema associativo no Brasil. Utiliza-se das experiências e do ótimo andamento que vinham tendo os falanstérios na Argélia, França e Alemanha para difundir o projeto.⁷ Havia muitos adeptos dispostos a embarcarem numa viagem ao Novo Mundo, em

³ Ibidem, p. 31-32.

⁴ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Edição comemorativa dos 150 anos do Manifesto do Partido Comunista. 1998, p. 59-62

⁵ BUBER, Martin. **O Socialismo Utópico**. Coleção Debates. São Paulo: perspectiva. 1971, p. 10-11.

⁶ A Union Industrielle foi criada na França com a finalidade de divulgar e apoiar a implantação de uma comunidade societária no Novo Mundo. Era composta por pessoas dispostas a viverem uma vida falansteriana nas terras brasileiras, segundo os preceitos de Fourier.

⁷ As idéias socialistas começaram a ser difundidas no Brasil pelo engenheiro Louis Léger Vauthier. Ele havia saído da França em 24 de Julho de 1840, com destino ao Recife. Relacionou-se com muitos intelectuais



busca de novas oportunidades e da felicidade,⁸ acreditando que o sistema associativo duplicaria a produção e como consequência a vida tornar-se-ia mais digna e próspera. Havia muito otimismo na França em relação à colônia, mais de 2.000 pessoas se candidataram e apenas 1.000 foram selecionadas, todos eram imigrantes de qualidade impressionante. O clima era de euforia e ansiedade entre os franceses que viriam para o Brasil estabelecer um Falanstério na província de Santa Catarina.

Dentre estes imigrantes encontramos alguns indivíduos que viviam em condições bem melhores que a maioria da população miserável da França, trabalhavam e estavam próximos das suas famílias, tendo uma situação bem estável. Para estes, a aventura de viver harmonicamente numa comunidade utópica no Brasil, foi uma decisão de natureza idealista, principalmente pela base sólida que a proposta do governo brasileiro oferecia, concedendo terras e financiando o projeto. Estes imigrantes embarcaram para o Brasil numa tentativa de construir um novo relacionamento social, produtivo e ético baseado nas teorias da proposta falansteriana de Fourier.⁹ Contudo, a deslumbrante oportunidade ofuscou o futuro incerto que acompanharia estes imigrantes, para muitos o novo mundo ainda estava imerso nos mitos construídos pelos romances europeus. Além de estarem vindo às cegas, sem conhecer efetivamente o contrato ao qual estariam vinculados, estes imigrantes apenas ouviram sobre a vida em sociedade baseada nos princípios de associação, mas nunca haviam participado desta experiência.

O Dr. Mure em sua apresentação ao imperador sobre o propósito do falanstério, procura enfatizar as qualidades fourieristas, em detrimento ao princípio owenista e saint-simonista que eram sistemas desacreditados. Apesar das características dos pensamentos e preocupações de Fourier,¹⁰ Owen¹¹ e Saint Simon¹² serem bem típicas daquele período marcado pela ascensão

pernambucanos e contribuiu muito com o estudo da sociedade brasileira. Mas foi com Dr. Mure que as idéias e o projeto de uma vida falansteriana foram propagadas.

⁸ THIAGO, Raquel S. **Fourier: esperança e utopia na península do Saí**. Blumenau: Ed. FURB. Florianópolis: Ed. UFSC. 1995, p. 48-50.

⁹ GÜTTLER, op. cit., p. 12.

¹⁰ François Charles Marie Fourier, crítico da sociedade antidemocrática, não era contrário a posse privada e considerava a riqueza e a pobreza como fatos naturais. O mundo físico, espiritual e social é regido pelo princípio da atração universal, todas as coisas estão conectadas entre si. O capitalismo é responsável pela desordenação da harmonia.

¹¹ Engels definiu o pensamento de Robert Owen como: “Idealismo, paternalismo e cooperativismo”. A reforma social dependia da construção de modelos que inspirassem a sociedade. Acreditava que o caráter humano era consequência do meio em que vivia. Seu pensamento evoluiu para um socialismo mutualista e chegou a fundar nos EUA a colônia rural “Nova Harmonia”, onde abandonava a indústria, pois era antinatural.

¹² Saint Simon tinha fé na ciência e no progresso, era um ardoroso defensor do industrialismo. Concebia a sociedade em classes de produtores e ociosos, a sociedade deveria proteger os produtores e eliminar os ociosos. Considerava a desigualdade econômica, natural e necessária e via no Estado a função organizadora da economia.



do capitalismo, percebe-se idéias peculiares que os diferenciam. O sucesso destes teóricos estava na imprecisão das suas idéias, pois os excluídos ouviam e adaptavam estas idéias aos seus próprios interesses. Até mesmo o Dr. Mure que atacava profundamente qualquer doutrina que não tivesse a concepção fourierista, utilizou-se de alguns princípios saint simonistas para propagar seu sistema de falanstério no Brasil.

O projeto apresentado por Mure foi uma exposição abreviada da dinâmica falansteriana, ajustando sua proposta a realidade brasileira.¹³ Apresentou um projeto que veio ao encontro dos problemas enfrentados pelo império brasileiro. Seu projeto se distancia muitas vezes da proposta de Fourier, principalmente quando enfatiza a industrialização que ocorreria após a chegada dos imigrantes franceses. Apresentou a lista dos indivíduos que viriam formar a colônia, entre eles estavam engenheiros e técnicos especializados na construção de máquinas a vapor. Para um Brasil agrário, isto seria um salto tecnológico. Com um projeto que primava à industrialização, não foi difícil para Mure conseguir apoio de pessoas influentes que o ajudassem a divulgar sua proposta e facilitar seu contato com o imperador. Picot seria o patrocinador do primeiro prédio falansteriano e Villeneuve diretor do *Jornal do Commercio*,¹⁴ foi o responsável pelas publicações sobre o maravilhoso empreendimento, evidenciando grande expectativa.

Assim como Fourier, Mure acreditava que a fonte da felicidade estava ligada em primeiro lugar com a saúde e depois com o dinheiro, portanto era necessário estabelecer um regime econômico que multiplicasse as riquezas. Não se desejava implantar completa igualdade entre os indivíduos do falanstério, isto prejudicaria a diversidade, que é uma das condições para a harmonia.¹⁵ O trabalho deveria ser atrativo, isto aumentaria o prazer e interesse dos homens eliminado à preguiça.¹⁶ O objetivo deste sistema econômico estava baseado na livre associação, seria uma economia do desejo sobre a do lucro. A idéia do trabalho desempenhado com prazer, como multiplicador da produção, é o mesmo conceito presente na obra de Tomas More. Em 1516 ao escrever o romance *Utopia*, More relatava as condições de vida em uma ilha desconhecida, mostrava que todos deviam exercer com animo sua profissão e que o trabalho por afinidade resultaria numa produção muito acima da

O Estado devia ser composto por classes aristocratas competentes e os trabalhadores deveriam receber toda assistência necessária.

¹³ GÜTTLER, op. cit., p. 59-60.

¹⁴ O *Jornal do Commercio* acompanhou o planejamento, a implantação e o declínio da colônia, sempre publicando as cartas de Mure e algumas cartas de franceses e brasileiros.

¹⁵ THIAGO, op. cit., p. 29-30.

¹⁶ GÜTTLER, op. cit., p. 42-43.



necessária para a manutenção da sociedade. Era muito importante para o funcionamento da ilha que ninguém se entregasse a ociosidade.¹⁷

A arquitetura do falanstério, segundo os critérios de Fourier, também é detalhadamente descrita por Mure: jardins, pátios enormes, galerias, salas em comum, oficinas equipadas, hospedarias, teatro, biblioteca, cinco cozinhas ao invés de 300. Seriam 20 modelos diferentes de apartamentos situados nas laterais do palácio e cada um teria valor de acordo com o seu espaço.¹⁸ No falanstério haveria um banco que representaria o capital dos imigrantes, pela sua descrição esta instituição estava mais próxima de uma previdência social preocupada com o bem estar, do que uma instituição financeira. O sistema educacional seria um modelo muito inovador aos padrões da época, e dele viria o princípio da harmonia no falanstério.¹⁹ O falanstério propunha, para todos os seus colaboradores, uma grande riqueza material acompanhada do desenvolvimento intelectual.

A *Union Industrielle* apresentada por Dr. Mure era composta por hábeis profissionais, selecionados por critérios regidos. Além disto, o sistema de trabalho associativo era algo muito próspero, identificando-se com o trabalho os indivíduos tornam-se mais criativos e a produção tendia a crescer. Enfatizando os benefícios que a colônia traria, Mure conseguiu junto às autoridades brasileiras a concessão de terras na península do Saí e a aprovação pela câmara de um adiantamento no valor de 64:000\$000 reis. O investimento em dinheiro servia para o transporte, o estabelecimento e a alimentação dos imigrantes até que a colônia começasse a prosperar.²⁰ A escolha do Saí como local para sediar tão aguardado empreendimento, deu-se principalmente por seus aspectos naturais. Mure achou as terras boas, o relevo propício para plantações. Além dos recursos naturais ficava próximo ao porto de São Francisco do Sul, o que facilitaria o envio de suas produções até outras regiões.

A difusão de um sistema socialista envolvido por idéias contrárias ao capitalismo liberal, não provocou reações desfavoráveis, pois no Brasil as relações capitalistas e a industrialização estavam apenas começando. Ao contrario disto, a proposta de Mure agradou muito ao Brasil do segundo reinado, pois contemplava uma tentativa modernizadora de colonização, introduzindo maquinas a vapor e profissionais capacitados. “O Brasil inicia o século XIX preso ainda às amarras coloniais, uma sociedade rural e escravocrata (...). As notícias da agitação na Europa deveriam parecer boatos remotos aos poucos interessados na

¹⁷ MORE, Tomas. **A Utopia**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural. 1997, p. 67-69.

¹⁸ GÜTTLER, op. cit., p. 44.

¹⁹ Ibidem, p. 63-65.

²⁰ Ibidem, p. 61-62; 76-79.



vida do Velho Continente.”²¹ Para sucesso de sua proposta, Mure adapta os ideais defendidos por Fourier para construção do falanstério. Coloca como centro do projeto a construção de máquinas que levariam a industrialização, garantindo o interesse do governo brasileiro em seu projeto. Apropria-se das idéias de Saint Simon que via na industrialização o caminho para o progresso e a resposta aos problemas sociais. A característica principal do discurso de Mure são as adaptações feitas de forma oportunista, para adequar as necessidades mais imediatas do Brasil.

O contrato foi firmado especialmente pelas manifestações de apoio aos aspectos mais objetivos e imediatos que proposta apresentava. Além do avanço tecnológico, fatores como a ocupação de regiões vazias e a busca pela eliminação gradativa do tráfico contribuíram muito para que o império apoiasse o projeto. O incentivo a imigração era de muita valia aos interesses do império, o Brasil passava por uma fase que via na cor da população o fator responsável pelo atraso do país. O 11º artigo do contrato²² firmado entre Mure e o império para a formação da colônia do Saí, proibia que os imigrantes tivessem ou usassem em suas terras mão-de-obra escrava, deixando claro a existência de uma preocupação com término do trabalho escravo.²³ Na expectativa de Mure percebemos duas preocupações: a conquista material que viria a curto prazo e a mudança em busca da harmonia, resultado do modo associativo de trabalho que surgiria a longo prazo. Já para o império, o projeto social do sistema que acompanharia o desenvolvimento material pouco interessava.

Assim como no Brasil havia grande propaganda sobre o empreendimento, é provável que Mure enviasse cartas a França falando sobre o apoio concedido pelo governo brasileiro ao projeto. Esta afirmação baseia-se nos relatos do marceneiro Wiebig que antecipou sua vinda, viajando por custos próprios. Ao chegar teve uma grande decepção, pois não havia sido tomada nenhuma medida para a constituição da empresa. Wiebig fala que enquanto aqui nada se fez, na França as pessoas estavam aguardando ansiosamente o dia do embarque, já haviam vendido suas casas e utensílios e estavam prontos para uma aventura que prometia ser algo especial, uma nova chance em suas vidas.²⁴ Este é apenas um dos relatos que mostram como estes imigrantes desconheciam a verdadeira situação entre as negociações de Mure com o império

²¹ GONÇALVES, Adelaide. **Comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil**. E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia, n.º 2. 2004, p. 1.

²² GÜTTLER, op. cit., p. 108.

²³ A partir do século XIX a escravidão no Brasil passou a ser contestada pela Inglaterra. Interessado em ampliar seu mercado consumidor no Brasil e no mundo, o parlamento Inglês aprovou a Lei Bill Aberdeen (1845), que proibia o tráfico de escravos.

²⁴ GÜTTLER, op. cit., p. 113.



Os associados da *Union Industrielle* haviam se unido pelo desejo de migrar e fundar uma colônia de convivência unitária, compartilhando as coisas boas e ruins que pudessem acontecer. O contrato para a fundação da colônia foi firmado em 11/10/1841 entre o Ministro e Secretario de Estado dos Negócios do Império Cândido Jose de Araújo Viana com o Dr. Jules Benoit Mure, deixando claro que cabia a Mure as decisões da colônia, o cumprimento do contrato, a distribuição de terras e a administração dos recursos financeiros. No contrato nem sequer consta o nome da união industrial, perante a lei Mure tinha a direção da empresa.²⁵ Este contrato em total desacordo com a proposta da *Union Industrielle* causou muito desconforto entre os imigrantes recém chegados. A experiência falansteriana em Santa Catarina começou de maneira centralizada, contrariando os princípios da associação fourieista. O contrato que marcou o início da colônia no Saí, resultou em desentendimentos que abalariam profundamente o estabelecimento do projeto.

A *Union Industrielle* havia tomado grandes proporções, novas pessoas assumiram a diretoria e promoveram mudanças no estatuto que não agradaram o Dr. Jules Mure. Contudo, o homeopata continuava com sua proposta falansteriana no Brasil, não comentando nada sobre as mudanças que se sucederam na França, para que sua credibilidade não fosse abalada. A nova união via Mure como um agente representativo e não como um líder que pudesse assinar em seu nome. Arnaud, Jamain e Derrion, os novos diretores da união, desconfiaram que algo errado pudesse acontecer e adiantaram a vinda dos imigrantes para o Brasil. Realmente Mure estava tentando restabelecer a primeira *Union Industrielle*, para isso contava com o apoio de Rouffinel, um amigo que continuava na França. Uma das recomendações que Mure fez a Rouffinel, foi de que ele formasse rapidamente um grupo de imigrantes e os acompanhasse durante a viagem ao Brasil. Mas isto não foi possível, Jamain e Derrion partiram no navio Caroline com 100 imigrantes antes que algo pudesse ser feito.

Ao aportarem no Rio de Janeiro e verem o contrato assinado entre Mure e o império, exigiram esclarecimentos, mas Mure não conseguiu explicar o porquê da necessidade da sua chefia. Assim a maioria dos imigrantes não sujeitaram-se as condições contratuais, principalmente por estarem mais envolvidos com a nova *Union Industrielle*. Jamain e Derrion propuseram a retificação do contrato, porém no dia combinado para o acerto contratual, Mure embarcou para Santa Catarina levando os colonos que ficaram ao seu lado.²⁶ A partir desta data travou-se um grande embate entre Mure e os colonos dissidentes. Foram inúteis as

²⁵ Ibidem, p. 117-119.

²⁶ THIAGO, op. cit., p. 83-85.



tentativas de Jamain e Derrion em tentar reverter a situação. Por mais que Mure tenha agido errado, omitindo suas atitudes e estabelecendo um contrato que só legitimava a sua pessoa como diretora da colônia, a situação era irreversível, o governo imperial reconhecia somente o acordo firmado com Mure. Os diretores da nova união industrial resolveram formar uma outra colônia em terras próximas do Saí, no entanto o governo também não lhes foi favorável na doação das terras. Os dois não desistiram, e após sua chegada em Santa Catarina, travaram-se vários conflitos no intento de recuperar a colônia para a *Union Industrielle*. Os dias seguiram-se cada vez mais tensos, com muitas denúncias pelo os dois lados.²⁷

Assim teve início a experiência falansteriana, dos 100 franceses que chegaram no primeiro navio, apenas 55 embarcaram para São Francisco dos Sul. Isto foi apenas o começo de uma série frustrações que marcariam a vida e os sonhos destes colonos, o núcleo harmônico que era o alicerce do projeto estava profundamente abalado.²⁸ Ao desembarcarem em São Francisco, entre os dias 05 a 08 de janeiro de 1842, os imigrantes se depararam com a total falta de infra-estrutura do local, as terras da colônia localizavam-se em meio à floresta tropical, numa área de difícil desbravamento.²⁹ Os marceneiros, engenheiros, as modistas, entre outros profissionais que chegaram na península do Saí, viram o seu sonho de vida próspera muito longe ou até impossível de ser alcançado. Saíram da França urbanizada, avançada e industrializada, e quando aqui chegaram se depararam com a impossibilidade de desempenharem seus ofícios. Os profissionais especializados tiveram que se adaptar aos serviços rudimentares e totalmente estranhos as suas habilidades.

A falta de recursos fez com que alguns imigrantes não seguissem até o Saí, preferiram ficar em São Francisco do Sul por ser mais estruturado e oferecer melhores condições de vida. Pedro alemão, morador da vila de São Francisco, abrigou alguns imigrantes que não foram para o Saí, junto com eles ficaram utensílios e ferramentas, o que provocou novos conflitos entre os dissidentes e o Dr. Mure. Em carta para o juiz de paz Mure pede para que os dissidentes sejam obrigados a devolver os utensílios, pois estes pertencem à colônia. Suas cartas são tendenciosas, mostram os dissidentes e seus apoiadores como perversos destruidores do projeto colonizador. Os colonos reagiram contra a ofensiva de Mure que para garantir sua integridade e propriedade pediu a proteção da guarda nacional:

²⁷ GÜTTLER, op. cit., p. 123.

²⁸ Ibidem, p. 130.

²⁹ PIAZZA, Walter Fernando; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: história da gente**. Florianópolis: Lunardelli. 2ª ed. 1987, p. 63-64



Tenho algum receio, que os colonos chegados este dia do Rio de Janeiro e que não mostram nenhuma vontade sincera de reconhecer o meu contrato colonial com o governo, queirão antes estabelecer-se na terra do Sahy e seduzir os colonos fieis que lá tenho (...) acordarme algumas tropas da guarda nacional para a defesa da minha propriedade e do contrato meu com o governo(...)³⁰

O ferreiro francês Henry Doin, morador de São Francisco do Sul, foi mais um desafio que Dr. Mure precisou enfrentar. Ele foi opositor ferrenho a forma como Mure conduziu o contrato e a instalação dos imigrantes, servindo como interprete das reivindicações feitas pelos franceses que se sentiam enganados. Contra Henry Doin, o homeopata Dr. Mure também usou sua influencia, escreveu para o presidente da província pedindo que fossem tomadas providencias:

(...) V. E. verá, quais obstáculos opõe a colonização hum francês chamado Henry Doin, que desde a minha chegada tem continuamente seduzido e extraviado colonos (...)

Espero que a vista desta prova (...) tomará alguma medida para impedir os designos perversos deste homem e me dará afim os meios de continuar huma obra tão útil ao paiz em geral da província de St^a Catharina ³¹

Através das cartas percebemos a grande oposição enfrentada por Mure. No entanto, Mure tinha como grande trunfo o bom relacionamento com pessoas influentes. Ele tornou-se amigo do Coronel Camacho, grande proprietário de terras em Santa Catarina. Esta amizade foi muito importante, pois além de Camacho ser um grande proprietário com grande força política local, se dispôs de todos os meios possíveis para ajudar no estabelecimento da colônia. É claro que todo este engajamento teria um retorno, ele se beneficiaria com a implantação de uma serraria a vapor em suas terras. Das propostas de industrialização que Mure havia feito ao império, apenas a serraria a vapor nas terras de Camacho foi construída. O deputado Andrada, político influente e um latifundiário com muito interesse em modernizar suas terras, também foi importante apoiador de Mure.³² Nenhum estava interessado na

³⁰ Carta do Dr. Mure ao Juiz de paz da vila São Francisco do Sul de 24/01/1842.

³¹ Carta do Dr. Mure ao presidente da província de Santa Catarina Antonio Ferreira de Brito de 24/01/1842

³² GÜTTLER, op. cit., p. 73-75.



proposta social do falanstério, o importante eram quais benefícios esta colônia ofereceria aos seus negócios.

Além destes, Mure continuava tendo o apoio de Villeneuve que omitia no seu jornal todas as desavenças entre os imigrantes dissidentes, publicando apenas matérias que falavam do ótimo andamento que a colônia estava tendo. Mure tentava sustentar o prestígio da sua colônia mostrando que os problemas não comprometeriam o contrato, havia grande preocupação que o império desistisse e parasse de financiar o projeto. Em uma das cartas ao jornal, Mure usa o casamento de Narcise Deyrolles com uma brasileira, para mostrar que já se estabeleciam relações amigáveis entre os franceses e os brasileiros.³³ Era interesse do governo que as raças se assimilassem, assim através da união de idéias e do povo europeu com o brasileiro ocorreria a civilização.

Jamain e Derrion, junto com os colonos que apoiaram a nova *Union Industrielle*, compraram terras próximas ao Saí, onde estabeleceram a colônia do Palmital. Isto não foi suficiente para que cessassem os conflitos, pois a cada navio de imigrantes franceses que chegava, acirravam-se as disputas entre as duas colônias. Muitos imigrantes ao se interarem das condições e da querela que se dava entre o Saí e o Palmital, rumavam para outros locais: Montevidéu, Curitiba, alguns nem saiam do Rio de Janeiro. O número inexpressivo de colonos no Saí, dificultou ainda mais a prosperidade da colônia, causando o gradativo desinteresse do império pelo projeto.

Os colonos que viviam no Saí não podiam se ausentar do trabalho agrícola, pois o incentivo financeiro não era suficiente para sua alimentação. Desta forma ficava difícil que estes profissionais conseguissem desempenhar os trabalhos aos quais estavam habilitados. A situação não era nem um pouco favorável aos colonos, Mure tentou obter novos financiamentos, mas não conseguiu. Não se sabe ao certo se o governo chegou a investir os 64:000\$000 reis aprovados pela câmara.³⁴ Em uma das suas cartas Mure solicitava a permissão do corte de madeiras em terras devolutas próximas ao rio Cubatão para complementar a economia da colônia:

(...) tenho a honra de suplicar a V.E. que nestes primeiros anos do nosso estabelecimento ella conceda a alguns dos nossos trabalhadores ir athe o Rio do Cubatão grande de S. Francisco, cortar algumas madeiras nos terrenos

³³ THIAGO, op. cit., p.87.

³⁴ Ibidem, p. 125.



devolutos, que alli se adião tanto para o uso dos colonos, quanto para a exportação.

Assim podemos hum pouco mais cedo, colher produtos úteis dos nossos trabalhos(...)³⁵

O trecho desta carta remete a um momento que só as plantações, não eram suficientes para que a colônia se mantivesse, pois o governo foi cessando os investimentos à medida que não via um retorno. Apesar disso, não se pode considerar como inexpressivos os feitos realizados na colônia. No curto período de vida da colônia foram abertos caminhos que melhoraram o acesso, o desmatamento criou espaços para as plantações, também foi construída uma olaria e uma forja que abasteciam de ferramentas a colônia e outras localidades próximas. Além destas obras, a carta escrita por Mure ao *Jornal do Commercio* também destacava a construção de uma serraria a vapor, a edificação de uma casa com capacidade para abrigar até 20 famílias que pudessem chegar nos próximos navios e a construção de pontes que facilitavam a transição dos carros de boi de um lado a outro do rio.

O inspetor Mafra, designado pelo império para saber sobre o andamento da colônia do Saí, faz sua visita em junho de 1842 e confirma a existência de algumas destas obras. Lamenta que o número de colonos seja muito reduzido, o que prejudica e torna muito lento o progresso da colônia. Também aponta como um dos fatores principais para o não sucesso, a falta de dinheiro que impossibilitava a conclusão ou iniciação de algumas obras. Sete meses depois, temos o relatório do viajante Miranda que apresenta novos indícios de prosperidade no Saí. Confirma o relatório do inspetor Mafra e mostra a construção de novas obras. Seu relatório é muito envolvente, a impressão é que a crise vivida pela colônia tinha sido apenas uma fase.³⁶ Contudo durante o ano de 1843 as colônias do Saí e do Palmital, não resistiram a falta de incentivo e de força de trabalho e declinaram rapidamente. O governo além de desinteressado estava inseguro em fazer novos investimentos, pois a colônia nunca rendeu o prometido.

Em uma das suas viagens para a capital, Mure não voltou mais. Ele deixou o Saí em agosto de 1843, ficou no Rio de Janeiro onde trabalhou ativamente até 1848 como médico e divulgador da homeopatia. Apesar do abandono e do visível fracasso ao qual a colônia se destinava, Mure tentou conseguir novos subsídios para que o projeto não findasse. Esperava

³⁵ Carta do Dr. Mure ao Presidente da província de Santa Catarina Antonio Ferreira de Brito de 26/08/1842.

³⁶ GÜTTLER, op. cit., p. 142-145.



uma nova leva de imigrantes que seriam a força necessária para erguer a colônia.³⁷ Mure sempre culpou os desertores do Palmital como responsáveis pelo fracasso da colônia e do ideal falansteriano. Apesar dos desentendimentos causados por suas atitudes, pois muitas vezes não considerou os interesses alheios, lutou e acreditou que seria possível, abraçou o projeto e confiou no seu empenho e desejo como os fatores que legitimassem a sua administração frente a colônia.

O relatório do societário Leclerc ao presidente da província, datado de 07 de novembro de 1843, mostra a situação lamentável em que a colônia se encontrava, estava abandonada, faltavam recursos e o número de colonos era mínimo, somavam-se dezessete pessoas vivendo nas terras do Saí e quarenta no Palmital. Leclerc apontou Mure como um desertor, e as idéias de que o Brasil ainda poderia colher benefícios vindos da colônia do Saí não passavam de fantasias. Não adiantavam novos recursos, a colônia estava fadada ao término. Este relatório, unido à recomendação do diplomata francês, Conde Ney, em terminar com o incentivo a imigração para a colônia do Saí, foram fundamentais para encerramento da colônia. Muitos imigrantes sem rumo contavam com a benevolência da Sociedade de Beneficência Francesa, que não tinha fundos para atender a uma demanda tão grande de pessoas a procura de socorro. Não havia mais esperanças para a revitalização da colônia e em maio de 1844 o governo encerrou a experiência utópica em Santa Catarina.³⁸

Foram vários os problemas que fizeram a colônia mal conseguir manter uma produção de subsistência. As dificuldades relacionadas a improdutividade da terra, são comuns em muitos empreendimentos coloniais. Uma característica peculiar dos imigrantes franceses, em relação a este problema, está no fato de não serem agricultores. Os imigrantes alemães e italianos quando estavam em uma região desfavorável para plantações, procuravam outro lugar para estabelecerem sua colônia. Já os imigrantes franceses da colônia do Saí vieram para o Brasil movidos por um idealismo, eram profissionais de diferentes áreas que tinham em comum a vontade de viver harmonicamente. Suas habilidades profissionais não tinham o mesmo objetivo, portanto ao verem impossibilitada a realização da magnífica proposta falansteriana que atenderia a todas as necessidades dos societários, preferem seguir seu rumo e tentar a vida independente dos outros.

Para entendermos estes imigrantes devemos imaginar sua difícil situação, na qual haviam apostado tudo em uma alternativa irreversível. O relatório de Miranda apesar de

³⁷ Ibidem, p. 161-163.

³⁸ Ibidem, p. 161-163.



enaltecer a colônia, mostra que estes homens na França recebiam em torno de cinco mil reis e aqui trabalhavam basicamente para sua subsistência.³⁹ Não sobrava tempo para desempenharem outros trabalhos, pois era preciso plantar para sobreviver, além disso, não existia mercado para a maioria das habilidades destes profissionais, muitos passaram a desempenhar os mesmos ofícios dos moradores locais. Estes problemas foram agravando-se a medida que os subsídios do governo diminuía. Mesmo com tantas complicações enfrentadas por este empreendimento, a qualidade e a especialização destes trabalhadores desembarcados no Brasil, foram marcas diferenciadoras e de grande contribuição para o país.

O governo brasileiro desejou muito a industrialização que acompanharia estes imigrantes, porém não se preocupou em criar um mercado que absorvesse seus artigos. As tarifas protecionistas só foram decretadas em 1844, enquanto isto o pequeno mercado consumidor brasileiro preferia comprar produtos da Inglaterra.⁴⁰ Apesar de não ter alcançado seus objetivos, a colônia do Saí pode ser considerada como impulsionadora do desenvolvimento industrial no Brasil

A grande parte dos imigrantes, provenientes de áreas urbanas, possuíam formação intelectual e qualificação profissional. Transferiram suas experiências para as atividades que iriam exercer em terras catarinenses. Desta forma, em alguns casos, nas pequenas propriedades, formadas pela concessão de terras, desenvolveram a partir da atividade artesanal, o embrião das indústrias.⁴¹

A ferramenta mais importante que acompanhou estes homens e mulheres foi a busca por um ideal. Mais do que viver em melhores condições, desejavam mostrar que vida associativa era a resposta para todos os problemas que assolavam o mundo. Até iniciar, a proposta do falanstério no Saí parecia absolutamente sólida e infalível. Contudo, começou marcada por divergências, falta de apoio financeiro e principalmente pelo desconhecimento dos imigrantes em relação ao acordo assinado com o império brasileiro para a instalação da colônia. Apesar do quadro pouco animador, o Saí conseguiu deixar marcas importantes na história de Santa Catarina, seja por seus imigrantes e suas obras ou pelo despertar de novas idéias que futuramente suscitariam discussões acerca da imposição capitalista no Brasil.

³⁹ Ibidem, p. 151-152.

⁴⁰ Ibidem p. 158.

⁴¹ PIAZZA, op. cit., p.86.



A curta duração, as dissidências, o desinteresse do governo pelo projeto, dificuldades financeiras, divergências entre as regras da vida em falanstério e a adaptação do sistema envolvendo outras teorias,⁴² são pontos comuns que acentuam as frustrações entre as experiências falanstorianas. Mesmo possuindo estas características, as utopias estão sempre acompanhadas por transformações. A marca do socialismo utópico está no desejo de melhorar a sociedade, ancorada em todas as classes sociais. Os movimentos utópicos, ao longo da história, agiram como provocadores de movimentos sociais, criando novos ideais e formas de viver a realidade tradicional. A utopia não é algo irrealizável, mas sim o desejo de um mundo que deveria ser.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

GÜTTLER, Antonio Carlos. **A Colonização do Saí (1842-1844):** esperança de falanstorianos, expectativa de um governo. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994, pág. 182.

THIAGO, Raquel S. **Fourier: esperança e utopia na península do Saí.** Blumenau: Ed. FURB. Florianópolis: Ed. UFSC. 1995, pág. 178.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções:** Europa 1789-1848. Tradução: Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 11ª ed. 1977, pág. 343.

BUBER, Martin. **O Socialismo Utópico.** Coleção Debates. São Paulo: perspectiva. 1971, pág. 200.

PIAZZA, Walter Fernando; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: história da gente.** Florianópolis: Lunardelli. 2ª ed. 1987, pág. 152.

⁴² GÜTTLER, op. cit., p. 52.



GONÇALVES, Adelaide. **Comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil**. E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia, n.º2. 2004. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo10561.pdf>> Acessado em: 02/05/2007.

MORE, Tomas. **A Utopia**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural. 1997, pág. 336.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Edição comemorativa dos 150 anos do Manifesto do Partido Comunista. 1998, pág. 65

FONTES PRIMÁRIAS

Arquivo Histórico de Joinville:

Carta do Dr. Mure ao Juiz de paz da vila São Francisco do Sul de 24/01/1842

Carta do Dr. Mure ao Presidente da província de Santa Catarina Antonio Ferreira de Brito de 26/08/1842

Carta do Dr. Mure ao presidente da província de Santa Catarina Antonio Ferreira de Brito de 24/01/1842

